

R ENCONTRO

Edgar Allan Poe

Os assassinos da Rua Morgue

Tradução e adaptação de
Ricardo Gouveia

literatura

editora scipione



RENCONTRO
literatura

Edgar Allan Poe

**Os assassinatos
da Rua Morgue
e O escaravelho de ouro**

Tradução e adaptação em português de

Ricardo Gouveia

Ilustrações de

Wanduir Duran e

Júlio Mendonça



editora scipione

Gerência editorial

Sâmia Rios

Edição

Antonio Hansen Terra

Revisão

Maria Luiza Xavier Souto
e Thiago Barbalho

Coordenação de arte

Maria do Céu Pires Passuello

Diagramação

Fábio Cavalcante

Programação visual de capa e miolo

Didier Dias de Moraes

Ilustração de capa

Wanduir Duran

Ilustrações de miolo

Júlio Mendonça



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7.221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.aticascipione.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

2018

ISBN 978-85-262-8341-1 – AL
ISBN 978-85-262-8342-8 – PR

CAE: 262944 – AL

Cód. do livro CL: 737976

10.^a EDIÇÃO

7.^a impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de "The murders in the Rue Morgue" e "The gold-bug", in *The complete tales and poems of Edgar Allan Poe* Londres: Penguin Classics, 1965.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Poe, Edgar Allan, 1809-1849.

Os assassinos da rua Morgue e O escarvalho de ouro / Edgar Allan Poe; adaptação em português de Ricardo Gouveia; – São Paulo: Scipione, 1997. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Gouveia, Ricardo. 1942– II. Título. III. Série.

97-0048

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil | 028.5 |



Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger
e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

<i>Quem foi Edgar Allan Poe?</i>	5
Os assassinatos da Rua Morgue	9
Uma introdução	10
Os fatos	13
O escaravelho de ouro	51
<i>Quem é Ricardo Gouveia?</i>	96

QUEM FOI EDGAR ALLAN POE?

Havia algo de estranho e sombrio naquele homem invariavelmente vestido com uma capa preta e surrada, muito magro. Mas, ao mesmo tempo, sempre descrito como belo, elegante e extremamente fascinante. Muito bem-falante, Edgar Allan Poe devorava seus interlocutores com os olhos. E escrevia aqueles contos e poemas tão inusitados, que gelavam a espinha do leitor.

Nascido em Boston, Estados Unidos, em 19 de janeiro de 1809, era filho de atores decadentes, que morreram antes de o pequeno Edgar completar três anos. Foi então acolhido por um casal de Richmond, Virginia. O ambiente sulista, escravocrata e de arcaica estrutura social, viria a ser decisivo para a sua formação: aquele cenário, no qual a presença negra era tão forte, o impressionou vivamente. No contato com suas amas e criados, Poe teve acesso às narrativas folclóricas, aos relatos sobre os cemitérios e os cadáveres que vagavam pelos pântanos da região. Esta foi a base do mundo sobrenatural que ele passou a organizar em sua mente, solidificado pela leitura de revistas britânicas divulgadoras do Romantismo.

A infância de Edgar foi tranquila e confortável, tendo estudado em ótimos colégios, inclusive no exterior. Fortes laços afetivos o uniam a Frances, sua “nova mãe”; entretanto, os choques violentos viriam a ser a tônica do seu relacionamento com seu protetor, John Allan: os pendores poéticos do jovem eram abominados pelo comerciante, que queria vê-lo seguindo a sua carreira, ou qualquer outra considerada “respeitável”.

De 1826 a 1830, Poe tentou a Universidade e a Academia Militar de West Point. Ambas foram interrompidas um ano depois de iniciadas. O ambiente boêmio universitário seduziu o jovem Edgar, que passou a beber e a jogar. Quanto à vida na caserna, percebeu logo que não havia sido talhado para ela. Agravando a situação, John Allan se recusava obstinadamente a lhe dar dinheiro suficiente para viver como seus colegas. Nesse período, conseguiu publicar seus dois

primeiros livros: *Tamerlão e outros poemas* e *Al Aaraaf*, que, mal recebidos pelo público, não lhe renderam compensações financeiras.

Diante da incompreensão que cercou sua obra, sem dinheiro ou abrigo, refugiou-se em Baltimore, em casa de Maria Clemm, sua tia pelo lado paterno. Nela encontrou tanto amor quanto lhe havia dedicado Frances, mulher de Allan, falecida há pouco.

Passou a escrever contos, gênero de maior aceitação que a poesia, e em 1833 ganhou um concurso com “Manuscrito encontrado numa garrafa”. No ano seguinte, voltou a procurar John Allan, ao saber que ele estava à morte. O pai adotivo, que tinha se casado novamente, foi tomado de um ataque ao vê-lo. Morreu pouco depois, sem deixar a Edgar senão o sobrenome.

Apesar das adversidades, Poe casou-se no ano seguinte com Virgínia Clemm, sua prima doze anos mais nova. Obteve o emprego de redator de uma revista de Richmond, para onde se transferiu mais tarde com a mulher e a tia. Pouco depois, mudou-se novamente, dessa vez para uma cidade em que os horizontes profissionais eram mais amplos. Foi um período de sucessivas mudanças – de Nova York para Filadélfia e vice-versa, com ocasionais retornos a Baltimore e Richmond – marcado por passagens por diversas revistas literárias.

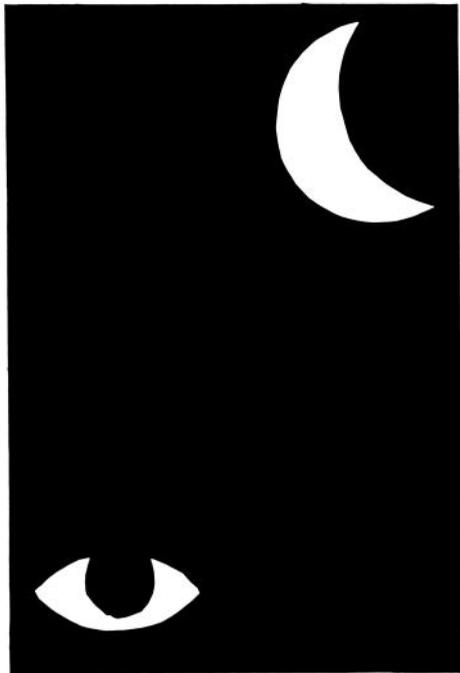
Dotado de espantosa inteligência, seu raciocínio lógico o levaria não só a elaborar intrincadas narrativas policiais, mas também a resolver um crime real, através da literatura: baseado no assassinato de Mary Cecilia Rogers, que estava desnordeando a polícia de Nova York, Poe decidiu escrever “O mistério de Marie Roget” (1842) e, formulando hipóteses e deduções, deu um final ao conto que, em seguida, foi confirmado como a resolução do enigma que envolvia a morte da jovem nova-iorquina!

Sua produção arrebanhou-lhe fama e prestígio crescentes, que nem sempre lhe asseguraram os meios de sobrevivência. Em constantes dificuldades financeiras, viu alguns de seus contos como “Os assassinatos da Rua Morgue” (1841) e o “Escaravelho de ouro” (1843) – de certo modo, pioneiros da literatura policial – serem premiados. Nesse período surgiram os *Contos do grotesco e do arábico*, em que deu vazão ao lado mais sinistro de seu talento.

A longa doença que acometeu Virgínia em 1842 foi um golpe dilacerante para Edgar, que, apesar disso, encontrava-se em efervescência criativa, tendo escrito nessa fase sua obra-prima: o poema *O corvo*, acolhido pela crítica e pelo público com entusiasmo, e vários dos seus mais famosos contos. Virgínia veio a morrer em 1847. A fase da grande produção de Poe encerrara-se pouco antes.

Nos últimos anos de sua vida, debateu-se com seus fantasmas, recorrendo ao álcool e ao ópio como remédio contra as angústias e dificuldades que o afligiam. Em 1849, na Filadélfia, Poe embriagou-se a ponto de ser encontrado sem sentidos nas ruas da cidade. Morreu a 7 de outubro daquele ano. Sua grande obra, mágica, lírica e macabra, permanece eterna.

Os assassinatos da Rua Morgue



Uma introdução

As características mentais habitualmente classificadas como analíticas são, na verdade, pouco suscetíveis à análise. Podemos avaliá-las somente por seus efeitos. Sabemos que elas são, entre outras coisas, uma fonte de grande prazer para quem as possui em alto grau. Assim como o homem forte exulta com sua capacidade física, deleitando-se com os exercícios que estimulam os músculos, o analista glorifica-se com a atividade intelectual que *desembaraça* as coisas. Ele extrai prazer até mesmo das atividades mais triviais que desafiem o seu talento. Gosta de enigmas, charadas, hieróglifos, mostrando na solução de cada um deles um nível de perspicácia que parece sobrenatural para as pessoas comuns. Os resultados, obtidos através de puro método, têm, no entanto, toda uma aparência de intuição.

Essa capacidade de *re-solução* é, provavelmente, muito reforçada pelos estudos matemáticos, especialmente por seu ramo mais elevado que é, injustamente e apenas devido às suas operações voltadas para fatos passados, chamado, por excelência, de análise. Entretanto, calcular não é, em si, analisar. Um jogador de xadrez, por exemplo, exercita essa primeira habilidade, sem ter que se esforçar quanto à outra. Em decorrência disso, o jogo de xadrez é muito mal entendido quanto aos seus efeitos sobre o caráter moral.

Não estou escrevendo um tratado, mas simplesmente prefaciando uma narrativa um tanto peculiar com algumas observações ao acaso; vou, portanto, aproveitar a ocasião para afirmar que o mais alto grau de reflexão é requerido pelo modesto jogo de damas de maneira mais intensa e decisiva do que toda a elaborada frivolidade do xadrez. Neste último, no qual as peças têm movimentos diferentes e *bizarros*, com valores diversos e variáveis, aquilo que é apenas complexo é